



AS MULHERES NA LICENCIATURA DE FÍSICA

Autora (1) Jácia Leana Moreira da Silva;
Co-autor (1) Louise Tereza da Silva Pereira;
Co-autor (2); José Ronaldo Santos;
Co-autor (3); André Luiz Gomes Moreira;
Orientador (4); Francisco José Dias da Silva;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; jaciasilva18@gmail.com (1); louise-pereira15@hotmail.com (1); ronnaldojr@outlook.com (2); andrehuz225@gmail.com (3); franjosedias@yahoo.com.br (4);

1. INTRODUÇÃO

No meio de todas as ciências, a física é uma área na qual o aumento do número de mulheres tem sido particularmente lento. Muitas jovens com grande potencial intelectual não têm a oportunidade de estudar física ou de se preparar para uma carreira nessa área, e muitas mulheres são desencorajadas a iniciar a carreira de física. Muitas que iniciam o curso de física acabam por desistir. Uma proporção maior de mulheres que de homens abandona a física em cada estágio da carreira. Nos últimos anos, a questão da sub-representação das mulheres na física tem sido objeto de uma ampla discussão, em todo o mundo.

A Física é a ciência que estuda as leis que regem os fenômenos naturais suscetíveis de serem examinados pela observação experimental. É um termo com origem no Grego “*physis*” que significa “natureza”. Esta ciência desenvolve-se com base em teorias e experimentos e se divide em dois seguimentos: *Física Clássica*, que engloba todas as teorias e conhecimentos desenvolvidos até o final do século XIX, abrangendo os princípios da Mecânica Clássica, Ondulatória, Termodinâmica e Eletromagnetismo. *Física Moderna*, a qual engloba as teorias e conceitos a partir do século XX, destacando-se principalmente a Mecânica Quântica, Relatividade e Física Experimental.

No Brasil, no atual contexto, percebe-se as mulheres também sendo levadas por esse caminho, de conquistas e desafios constantes em busca de um espaço na sociedade. Dessa maneira, no que diz respeito à educação, a tradição machista da escola brasileira impôs, ao longo do processo, áreas específicas para homens e outras para as mulheres. De acordo com Blackmore



(1997) isto é histórico, pois se reforça desde os primeiros anos de vida na família, nos processos educativos. Por consequência, verifica-se nas ciências humanas e na saúde um maior número de mulheres, enquanto que nas ciências exatas, como o caso da Física, um número menor do gênero feminino em seus quadros.

Gradativamente, de acordo com Teixeira (1998) em relação ao mercado de trabalho, identifica-se um processo de feminização advindos do ensino superior, porém muito distante se comparado aos homens em relação ao reconhecimento profissional (FIDALGO, 1996); fenômeno que ocorre no curso de Física da Universidade Estadual da Paraíba, no Campus VIII, na cidade de Araruna, Estado da Paraíba. Partindo dessa discussão, este artigo científico tem como *objetivo verificar o fenômeno da feminização no curso de Física do Campus VIII da Universidade Estadual da Paraíba.*

2. METODOLOGIA

Apresenta-se aqui o percurso metodológico deste estudo que se inclui a natureza da pesquisa e a pertinência do estudo na área da feminização para o ensino da Física.

O Contexto da Pesquisa

Este estudo foi feito no Campus VIII da Universidade Estadual da Paraíba, na cidade de Araruna, Estado da Paraíba.

Os sujeitos da pesquisa

Para a realização deste trabalho, participaram desta pesquisa, as alunas do curso de Física.

O tipo de pesquisa

A perspectiva metodológica empírica do presente trabalho se situa de acordo com os objetivos deste estudo. Assim, optou-se pela realização de uma pesquisa do tipo quantitativa descritiva, em conformidade com Minayo (2010). Pesquisas descritivas servem para encontrar e descrever características de certa população. Gil (1999, p. 44) explica que “são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados”.



Instrumento utilizado

O questionário semiestruturado (com dez questões fechadas e uma aberta) foi utilizado neste percurso metodológico. No percurso foi feita a coleta de dados com alunas matriculadas no curso e com a coordenação do mesmo, objetivando identificar as percepções das estudantes sobre a feminização no curso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentando os resultados, este estudo intencionalmente faz, num primeiro momento, uma abordagem quantitativa, pois, a análise qualitativa está em vias de análise, em processo. Assim, pôde-se verificar que 70,1% das graduandas de Física do Campus VIII da UEPB vieram cursar o referido curso por não terem atingido o número de pontos para outro curso. Isso ocorre pela precarização do Ensino Médio no Brasil, notadamente numa região do Nordeste brasileiro em que falta políticas afirmativas e de qualidade para este nível de ensino.

A maior satisfação dos professores surge relacionada com a docência propriamente dita, enquanto que a menor satisfação parece decorrer das condições sociopolíticas de trabalho (GONÇALVES, 2014) uma vez que mostra a insegurança dos egressos em relação a escolha da carreira docente.

Antes de ingressarem na universidade, 67, 1% afirmaram não ter certeza de qual área fariam a inscrição do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM para o ingresso na academia.

Quando perguntadas como viam a presença das mulheres no curso de Física, 64,2% dizem não saber responder sobre esse fenômeno recente, o que leva-se a perceber que nem as graduandas envolvidas no processo têm noção do processo da feminização que estão inseridas.

A maioria das pesquisadas (52,7%) tem como objetivo maior ao concluir a licenciatura em Física passar num concurso público para desenvolver e aprimorar a docência, muito que pelas condições sociais das entrevistadas, haja vista, residirem numa região do país em que as possibilidades de emprego são escassas.

Quando perguntadas sobre a convivência com os colegas de curso, 71,2% afirmam ser uma relação competitiva. A busca pela igualdade de oportunidades dá lugar a competitividade. Competitividade esta, como uma radicalização da competição, o que a torna predatória e portanto



desvantajosa para todos os envolvidos. Em nossa cultura predominam os valores gerados pela exclusão, ou vencer ou ser vencido (MARIOTTI, 2000).

Quando perguntadas de como era a relação com outros colegas de outros cursos no Campus 92,5% dizem ser favorável. Setenta e quatro vírgula seis por cento (74,6%) se dizem por vezes não serem acolhidas dentro do curso, enquanto que 25,4% afirmam o contrário.

Setenta e nove vírgula um por cento (79,1%) das graduandas dizem ser respeitadas por dos colegas do sexo masculino.

Quando fora da universidade, as pessoas dizem que a Física não é espaço para as mulheres, 100% das pesquisadas afirmam o contrário, desconstruindo a ideia do senso comum que a sociedade carrega. Historicamente o meio social adota padrões e perfis de masculinidades e feminilidades que se apresentam em cada curso. Habilidades como o cálculo, as relações afetivas e o “cuidado” mobilizam variados sentidos de gênero, seja nos cursos, seja nos próprios sujeitos. Então, esta pesquisa ganha visibilidade por apresentar um contexto contrário ao que se até então era uma regra, ou seja, a masculinização nos cursos das Ciências Exatas.

4. CONSIDERAÇÃO FINAIS

No Brasil, a participação cada vez maior de mulheres nos cursos de ensino superior tem sido evidenciada por avaliações oficiais. A escolarização das brasileiras é superior à dos homens em todos os níveis. Apesar dessa superioridade numérica, raras mulheres ocupam cargos de prestígio e poder, ou postos mais bem pagos, mantendo menor produção e, conseqüentemente, inferior obtenção de bolsas e financiamento para pesquisas, quando comparadas aos homens.

Não basta, portanto, apenas garantir o acesso das mulheres aos cursos superiores, mas também estabelecer medidas mais enérgicas quanto às mudanças estruturais e legais no interior das organizações. De fato, nenhum sistema legal é capaz de inibir completamente e sozinho as manobras diretas e indiretas de exclusão ainda comuns nos ambientes acadêmicos. Essas práticas perniciosas não são fáceis de serem detectadas e, em tempos de ações afirmativas, subsistem com novos formatos e “roupagens”. Em nosso estudo, vimos como tais processos de exclusão e discriminação de gênero ocorrem, sendo promovidos até mesmo pelas próprias mulheres, umas em relação às outras.

Percebe-se assim que o grande problema na docência não parte somente dos cursos de formação, mas é evidente que estes também precisam ser repensados e atualizados para acompanhar



a evolução social, cultural e tecnológica da profissão, bem como atender seus anseios e necessidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C., LIMA, B. S., Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? In: Trabalhadoras: Análise da Feminização das Profissões e Ocupações, Ed. Silvia Cristina Yannoulas, 2013. (url: <http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/LivroBarbosaLimaFisicas.pdf>).

BLACKMORE, J. Disciplining feminism: a look at gender-equity struggles in Australian Higher Education. In: ROMAN, L.; EYRE, L. (Ed.). Dangerous territories: struggles for difference and equality in education. New York: Routledge, 1997. p. 75-96.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 8. Ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FIDALGO, F. S. O. Trabalho e carreira docente: contribuições teórico-metodológicas. Trabalho e educação. Belo Horizonte, n. 0, p. 4-109, jul./dez. 1996.

GARG, R.; AGRELLO, D. A. Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 1, p. 1.301-1.306, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

MARIOTTI, H. Competitividade e Violência Estrutural. In: Esteves. O Dragão e a Borboleta. São Paulo: Axis Mundi/amce, 2000.

NARDI, R. A pós-graduação em Educação, o ensino de Ciências e as licenciaturas na área: encontros e desencontros. In: Ângela Dalben; Júlio Diniz; Leiva Leal; Lucíola Santos. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação de professores: educação em ciências. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 217-23.

NARDI, R. Origens e desenvolvimento do campo de pesquisa em Educação em Ciências no Brasil. In: NARDI, R.; GONÇALVES, T.V.O. A pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática no Brasil: origens, características, programas e consolidação da pesquisa na área. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014, p. 98-39.

SABOYA, Maria Clara Lopes Gênero e Sexualidade: mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação. Grandes Temas: Sexualidade e Relações de Gênero. Revista Educação, São Paulo, Brasil, 30 mar. 2008.

SABOYA, Maria Clara Lopes; CARVALHO, Marília Pinto de. Diferenças e desigualdades na escola. Campinas: Papirus, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

TEIXEIRA, R. R. P.; COSTA, P. Z. da. Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na ciência. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 10, n. 2, p. 208-221, 2009.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br